



Gaiato

7 de Junho de 1975 * Ano XXXII — N.º 815 — Preço 2\$00

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

* Director: Padre Luiz

Património dos Pobres

Da Inspeção Superior de Tutela Administrativa recebemos um ofício sugerindo a fusão dos vinte e cinco «Patrimónios dos Pobres» paroquiais desta diocese do Porto, em «uma instituição nova, a nível diocesano que tomaria a seu cargo a administração das habitações pertença das instituições fundidas, em colaboração com os respectivos moradores, o que, além do mais, permitiria à instituição resultante da fusão, uma visão global das carências que neste campo se verifiquem a nível de diocese».

A resposta já fora dada por quem de direito, o Prelado da Diocese, aliás com a menção expressa do nosso parecer favorável — pelo que não entendemos a duplicação.

Mas, já agora, repetimos a nossa concordância e sugerimos, por nossa vez, que aquelas paróquias onde o Património tal qual se não justifique já como obra de assistência, se pense na reconversão das casas, ou de parte delas, em moradias de propriedade resolúvel, o que beneficiaria os moradores, hoje não carecidos de casa gratuita, mas que não encontram aluguer a preço compatível com os seus rendimentos.

No ofício, porém, aparece um parágrafo curioso: «Por outro lado a missão que estatutariamente cabe às referidas instituições, é actualmente do âmbito do sector

público, nomeadamente através do Fundo de Fomento da Habitação».

Ora este Fundo já existe há alguns anos. O que tem feito no fomento da habitação do Pobre, não sei. Mas sei que em relação aos Trabalhadores, nomeadamente das zonas rurais a quem particularmente assistimos, ele é tão fundo que eles não lhe chegam. Sei que de alguns departamentos regionais da Assistência a que os Pobres recorrem por ajuda para a construção das suas casas até no-los remetem. E também sei, que quantos nos bateram à porta, têm sido prontamente atendidos, depois da informação avalisante dos seus Párocos que nos garantem a qualidade da construção e a capacidade dos pretendentes chegarem ao fim da obra, ainda que empenhados. Tudo simples, sem papeis, sem peias burocráticas.

E é a altura de informar, já que o não fizemos até agora, que em 1974, dos donativos, que recebemos para tal fim, saíram 634.600\$00, os quais, à média de 2.500\$00 por caso, a título da telha, contribuíram para que 253 Famílias realizassem o sonho tão justo e salutar de ter casa sua, modesta, com certeza, mas suficiente e digna.

Doravante, porém, dado que esta «missão é actualmente do âmbito do sector público», não deixaremos de endossar os

que se nos dirigem ao citado Fundo — e vamos a ver...!

Mas, como conhecemos à sociedade os ritmos de acção dos sectores públicos, claro que iremos também «andando com os que andam», quanto nos permitir essa generosa e escondida multidão de Amigos, que sofrem as dores alheias e, em vez de gemer cantigas e debitar palavras, reparam e põem em nossas mãos a resposta que, em quase 25 anos de campanha, jamais deixámos de prestar aos que se nos apresentam com a verdade dos seus problemas, com a justiça da sua pretensão.

Aqui junto, pois, a voz «Estes, para quem o «actualmente do sector público» é, desde 1951,

Malanje

É um casal. Naturais de Itália. Há 20 anos que labutam «de sol a sol» na sua fazenda, perto de Malanje. Era mata. Eles desbravaram. Ano após ano, lançaram as sementes e, com esforço insano, colheram.

Fizeram nascer, na terra que amam, árvores, culturas, criação e gado. Angola mais rica.

Nada levaram para Portugal ou Itália.

Não enriqueceram. Não roubaram.

Alguns altos chamam-nos ladrões! Ladrões de quê?! O nosso esforço ajudou a fazer o progresso desta terra que amamos e a que damos tudo.

Alguém sim... nos está roubando o carinho que pomos nas pessoas e coisas! A certeza de, no regresso do trabalho, beijarmos nossos filhos.

Há dias este casal foi atacado por metralhadoras sem lei. Roubaram. Destruíram. Maltrataram o casal indefeso, pondo até gindungo nos olhos.

Triste para um país quando reina a lei da metralhadora!

Que sejam chamados a juízo os que faltaram à justiça — negros e brancos. Pois claro.

AGORA

Pois desde a última notícia saída nestas colunas, desfilam hoje:

Pessoais — É a Maria do «Pequeno Louvre» com as suas mensalidades de 20\$. São os Funcionários da Caixa Têxtil do Porto, com «o produto de 1\$00 mensal para o Património dos Pobres»: 205\$+595\$+327\$+552\$. É o Pessoal da C. P. E. que veio da Hidroeléctrica do Cávado e soma, nestes derradeiros meses, 8.671\$60.

De todos os meses — Berta e Jorge com 5 presenças de 100\$. Bertha põe-se em dia e remete 480\$. De Ois da Ribeira

Continua na QUARTA página

Continua na QUARTA página

Aqui, Lisboa!

«Ninguém se atreva a levantar qualquer obra por si mesmo, nem acredite no êxito que ela possa vir a ter. Se não tem Deus por fundamento, não presta. Quem não semeia na vinha do Senhor, desperdiça» (Pai Américo).

Foi deste acto de Fé que a Obra da Rua nasceu, cresceu e existe como pequeno rebento da Vinha do Senhor.

Foi nesta adesão de Fé que os padres da rua se deram à Obra. «São apaixonados de Cristo...» e «gastam-se... a revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo», apesar da «fragilidade das suas misérias».

É na credibilidade destas verdades que a vivência quotidiana nos demonstra — e, por isso, nos renova — que aceitei vir render padre Luís nesta Casa do Gaiato de Lisboa.

Na minha bagagem trago apenas e só este acto de Fé no Senhor da Vinha incarnado em actos de amor devidos ao meu Próximo — no cumprimento do Mandamento Primeiro — sem o que seria desperdiçar.

Tendo só isto para dar à Obra, sei que muito hei-de receber do Senhor da Vinha.

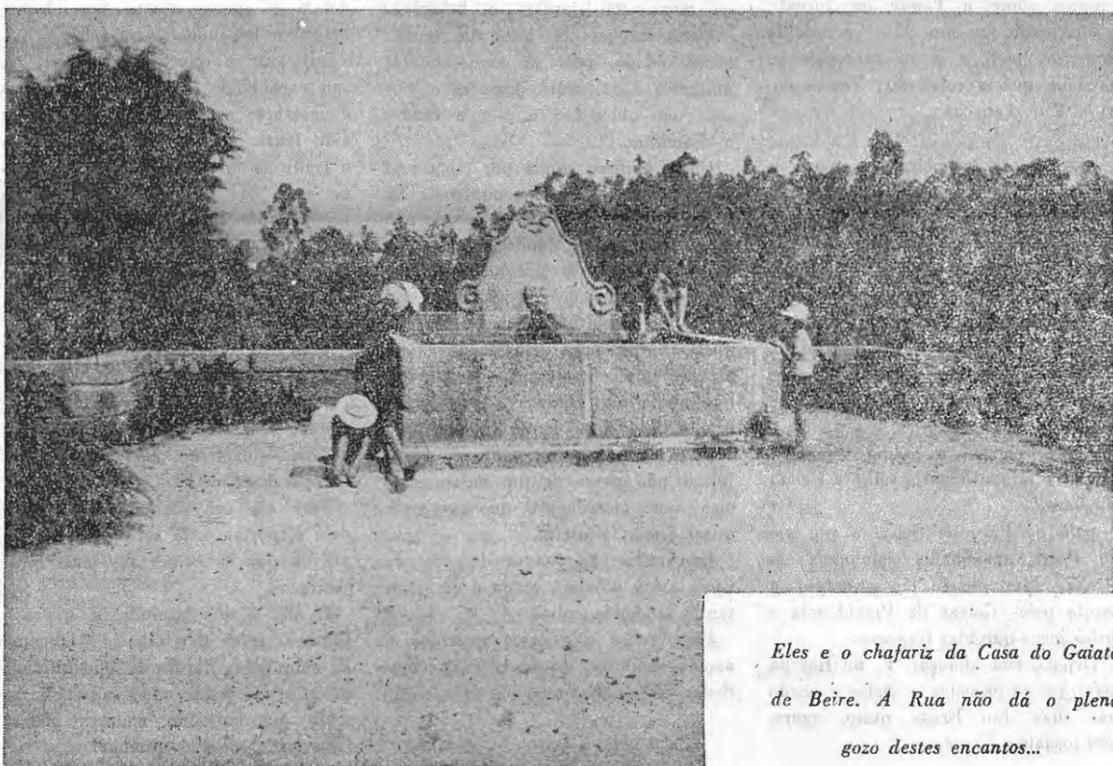
Terei, a dar-me a mão, o padre Abel, de cuja juventude, entusiasmo e dinâmica muito espero.

Tenho na generosidade dos colaboradores, dos rapazes e das duas senhoras ao serviço da Obra, o apoio da sua responsabilidade na parte que lhe cabe nesta missão de amar.

Tenho, ainda, a certeza da amizade valiosa e imprescindível das gentes de Lisboa que, sempre presentes com o seu apoio moral, espiritual e material, têm dado à Obra um carinho muito particular como o testemunha a obra já realizada nesta Casa do Gaiato.

Todas estas riquezas recebidas, me dão — apesar da minha pobreza e dos tempos difíceis, confusos e conturbados que vivemos — uma Esperança renovada, para iniciar mais esta etapa da minha caminhada ao encontro dos Homens e do Pai.

Padre Abraão



Eles e o chafariz da Casa do Gaiato de Beire. A Rua não dá o pleno gozo destes encantos...

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

DE OLHOS TRISTES — Jorge é um rapazinho com muita fome de afectividade.

Tem grandes olhos, tristes, molhados, pretos, que resplandecem à luz do dia.

De poucas palavras, ele não deixa de manifestar a sua fraternidade a todo aquele que lhe é afável e compreensivo.

De fácil lembrança, recorda durante dias e dias todos os momentos que lhe proporcionaram verdadeira felicidade na vida.

Por vezes é também brusco, impetuoso e chega a agredir quando presente que alguém lhe pretende fazer algum mal. Não é que ele seja na verdade um lutador, pelo contrário, é pacífico e de puras intenções.

Jorge é muito amigo de dar. Com muito ou pouco, reparte com os colegas tudo quanto tem.

A sua amizade cândida, que provém de um grande coração, é dedicada com enorme cuidado e pretensão.

Não é dos que brinca muito e quando o faz é por pouco tempo.

Há dias notei que o Jorge estava mais triste do que é seu costume. Com os deditos trémulos segurava uma carta que recebera de um dos irmãos que estão fora do seu cotidiano. De cabeça baixa, olhos pen-

sativos e esbualhados, as lágrimas corriam-lhe no rosto pálido e morto. Por mais que lhe pedisse, Jorge não me comunicava a sua dor. E assim passou a refeição daquela noite sem poder comer.

No fim tomei-lhe os ombros e neste abraço fomos para longe conversar. Nisto Jorge deu-me a sua carta a ler a qual dizia que seu pai tinha falecido debaixo do comboio quando se dirigia para o trabalho.

Triste realidade na história da sua vida. Nem sequer lhe pôde dar o último beijo e adeus para sempre.

Entretanto, ele ia acalmando... e, com um sorriso nosso, a tranquilidade vinha ao de cima.

Explicando ao Jorge que a morte é infalível e, por isso, tem de ser aceite por toda a gente, custe o que custar, disse-lhe também que além daquele, ele tem um outro pai: o nosso Pai do Céu.

NERVOSISMO — Félix andava excitado, perturbado com tudo e todos em qualquer hora do dia. Em plena Missa, Félix tirava a atenção a toda a gente que ali se encontrava na nossa Capela.

Pela altura da comunhão dirigiu-se ao Altar julgando-se em óptimas condições, quando de momento recebeu um gesto de apelo do celebrante, o qual o levou a meditar profundamente.

Chegou a hora do jantar. Félix não falava nem olhava para ninguém e naquele dia de domingo tão bonito

e repleto de sol, tudo parecia terminar de maneira acabrunhada e irresoluta devido ao seu silêncio absoluto, o qual nunca é seu costume.

Já quase no fim e de todos terem comido eu senti com leveza e doçura no meu braço, uma mão pequenina que escorregava e me chamava à atenção. Era o Félix que desejava falar muito a sério comigo em particular.

Então sozinho no refeitório ele dizia-me:

— Sabes, Manuel, estes últimos dias tenho-o passado com grande tristeza e dificuldade. A minha querida avó já tem cabelos brancos, está a ficar muito velhinha. A minha tia encontra-se muito doente e tão cedo também não me pode escrever. Por isso quando à noite me deito e vou para dormir eu nunca consigo pregar olho porque em cada dia que passa sinto-me mais só, por isso tenho de chorar. E no dia seguinte quando me levanto, fico sempre com uns nervos de fazer sei lá o quê...!

Mas... hoje, domingo, sempre tive alguém que me conduziu à realidade das coisas, que mostra ser meu amigo e me ajuda a entender melhor que todos estes meus aborrecimentos e tristezas não têm razão de ser. Após isto, Félix não quis continuar a nossa conversa e uma vez mais me desafiou a porfiar uma partida de que ele muito adora. Desta vez não foi para apanharmos um ou outro braço de mimosas, mas sim para ver quem de nós praticaria melhor o judo.

A partir daqui creio bem que o Félix tem tido noites descansadas.

Manuel Amândio

AMIGOS — É um termo muito usado. Tanto no aspecto positivo como no negativo. Não falamos nisto porque nos dizem... Sentimos! E se ter um Amigo é bom, mais o será grupos de Amigos!

Muito haveria para vos contar no aspecto de amizade... Queremos nesta nossa presença junto dos amigos leitores de «O Gaiato», dar conta de gente da minha região da Bairrada, dum modo especial da Mealhada, que tem sido alertada por pessoas que nos vão conhecendo cada vez mais e, por isso, sente que terá de ser um sinal de que este canto da Obra da Rua é um sinal de contradições humanas, mas também a forma de se pôr como factor principal os verdadeiros sentimentos de fraterna ajuda, baseada no amor de Cristo. Pois Ele terá de ser Sinal para os homens de hoje. Pois não sabemos o que pensarão os que buscam fraternidades e amizades que não conduzem a Ele. Cada qual terá o seu ponto de vista...

A todos os que acreditam no poder da amizade e fraterna ajuda, queremos dizer que a Caridade não é somente «dar» mas, sobretudo, compreendê-la.

Porque quem vive de Amor vence sempre! Pois este lugar onde impera, nos variados tons, a dor, tem sido a pedra de toque para tantos que acreditam no poder do Eterno Amigo!

Manuel Simões

TOJAL

FESTA — Já por vários meios nos têm sido dirigidas perguntas, feitas de variadas maneiras mas todas com o mesmo objectivo: — Então, quando é a Festa? Já estão à venda os bilhetes para a Festa? Este ano não há Festa?

A nossa resposta tem sido igual para todos. Não. Este ano não fazemos a habitual Festa no Monumental. Compete-nos justificar o porquê deste facto, pois vós sois «xigentes» neste ponto e com bastante razão.

Motivos interiores que não podemos evitar, a que se junta o horário desfavorável da sala de espectáculos, são a nossa justificação.

Pedimos, aqui, desculpa pela privação, deixando-vos uma réstia de esperança: talvez alguma das nossas Casas possa, mais tarde, contemplar-vos com a sua presença no palco do Monumental, o que todavia é ainda imprevisível.

OFERTA — No passado dia 11-5 (domingo) fomos alvo de um acto que nos deixou muito sensibilizados: a oferta de 15 bolos grandes que variavam entre pão de ló, tortas recheadas com chocolate e marmelada, barradas com creme, e outros, secos, de forma e, ainda, bolachas baunilha. Para além do valor desta oferta está a lição tirada que é de valor superior.

Foi uma oferta de crianças para crianças. Oferta de crianças que nesse dia fizeram a Primeira Comunhão. Decerto que essa Comunhão foi bastante firme como o revela a acção praticada.

Convém ainda explicitar que os bolos não eram, de modo algum, restos. Vinham somente partidos, prontos a serem servidos.

Os nossos maiores agradecimentos às crianças de Bucelas que nesse dia fizeram a sua Primeira Comunhão e que pela vida fora o vosso coração seja lugar de obras idênticas viradas para outras crianças que, mais do que as nossas, sofrem de necessidades.

PEDIDO — Nem calculam como a sra. Virgínia vos está agradecida e com ela a rouparia.

O pedido aqui feito num dos números anteriores, teve um acolhimento espantoso.

Foram já recebidas três máquinas de costura, duas delas já usadas, mas em bom estado de conservação; quase novas! A terceira é totalmente nova. Para esta até nos foi dada a possibilidade de escolher o modelo.

Desta maneira também a alfaiataria viu aumentado o seu número de máquinas, pelo que vos está agradecida.

Jorge Cruz

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

A DOENÇA... — Ele era um Artesão. A mulher, Trabalhadora a meio tempo. Não têm filhos.

Enquanto saudável, o homem colaborava também numa colectividade artística.

Veio a doença. E tudo ruiu! Excepto a assistência clínica e parte da medicamentosa — por parte da esposa...

Hoje, vimo-lo, acompanhado de amigos e familiares. E segredaram-nos: — F. está muito mal... É uma grande necessidade! São envergonhados...

Abordámo-lo. Gesticulou. Mais não pode, que a doença tornou-o mudo.

Perguntámos se gostaria que o visitássemos... — como amigo. Foi uma trovada de gestos, olhos a pingar e abraços e mãos no ar:

— Ó!, ó!, ó!,...

Sim, sim, sim...!

Entretanto, o nosso companheiro protestara discretamente, ao ouvido:

— Se ele foi durante tantos anos colaborador da..., porque é que os camaradas não se lembraram, ainda, de lhe oferecer, ao menos, o rendimento líquido duma festa?!...

Hoje, soubemos que sim. Vai ter algo dos seus camaradas!

No caso vertente é um acto de justiça elementar. Primeiro a justiça. E, depois, estamos nós. Somos o complemento directo. Directíssimo.

Daremos lá um salto no próximo domingo, se Deus quiser. É o nosso dia...

Mas não sossegámo! Seria demitirmo-nos...

Já sabemos, na verdade, que é um dos tais casos de *pobreza branca* ou *envergonhada*.

Venda do Jornal no Norte do País

BRAGA E PORTO

Há muito tempo que não escrevemos a crónica que nos compete sobre a *Venda do Jornal!* Por isso, hoje, o Júlio Mendes chamou-me, por intermédio doutro:

— Vai ao Júlio!

Quando lá cheguei, ele perguntou: — Queres escrever uma pequenina crónica sobre a *Venda do Jornal?* Respondi que sim. Mas, quando ia começar, pedi a outro camarada se também queria colaborar. Vamos ouvi-lo. É o «Faneça»:

«Escrevo a primeira vez para o «Famoso». Vou contar alguma coisa, pouca, sobre a minha tarefa.

Saio de Paço de Sousa, logo de manhã. Quando chego ao Porto, tomo o pequeno-almoço. Depois, começo a minha façanha... E só termina na hora do regresso à Casa do Gaiato. Adeus! Um abraço para todos os queridos Leitores.»

Agora, chegou a minha vez. Vou contar a minha história sobre a *Venda do Jornal*.

Saio de Paço de Sousa e vou até ao Porto apanhar a camioneta de Braga. Mal chego lá, princípio a venda pelas Caixas de Previdência e pelos meus queridos fregueses.

Depois, vou almoçar. E, no fim da refeição, como todos os cafés e vendo nas ruas. Em Braga passo, agora, 200 jornais.

Aqui vai um abraço para todos os meus queridos amigos de Braga e também do Porto.

«Rouxinol»

ESPINHO

Para principiar esta minha crónica, vou dizer-lhes que o meu nome é João Manuel Lourenço Gambão.

Agora, como já sabeis quem eu sou, vou começar a contar alegrias e tristezas.

Estou a vender o «Famoso» em Espinho há três anos, onde vendo os meus 300 jornais a brincar...

Caros amigos: eu gosto de vender nesta cidade, pois já tenho muitas amizades e até muito grandes e, por isso, não quero ser o pior a vender o «Famoso».

Caros amigos: ainda por cima esta cidade já vem a ser conquistada há muitos anos, pois quem é que se não lembra do Júlio Mendes, que foi o primeiro a pôr os pés nesta cidade, como vendedor de «O Gaiato»? Eu acho que estou a ir a baixo. E não queria. Mas, para isso acontecer, é preciso que entusiasmeis as pessoas que ainda não conhecem este jornal e a nossa Obra. Isto que vos peço é para bem de todos, porque o nosso jornal não passa de um mensageiro, mas um mensageiro que percorre quase o mundo inteiro.

Camaradas: eu vou-me despedir de vocês até à próxima venda e de quem tantas saudades tenho.

Para todos os nossos queridos e amados Leitores, do vosso amigo vendedor vai um abraço.

Gambão

CALVÁRIO

GUARDAR... — Nem sempre se pode aplicar este termo como norma de economia... porque senão vejamos:

É muito difícil nós termos de fazer criar hábitos higiénicos em certas pessoas, em especial em pessoas que, pela idade, poderiam ser nossos avós. Ainda há pouco tempo nos chegou mais um Irmão que nem sabia o que significava o quarto de banho! A sua capacidade em perceber os mais elementares preceitos de limpeza tem sido lenta. E, há dias, andava toda a gente aflita porque ele estava junto de uma das casas a fazer as suas necessidades...

— Não tem vergonha... — diziam algumas Doentes.

— Não devia andar cá por baixo (na rua)...

Pois tem andado. E continuará, enquanto for necessário.

Pois a limpeza de ervas nos arruamentos tem sido com ele. E sempre de cara sorridente. Nós gostamos de sorrisos neste meio.

Pois ele vai vendo como isto é dele e, portanto, já se vai integrando até no dar de comer aos mais incapacitados.

É ele, o sr. Amândio, a quem o Calvário quer dar algo de humano. E, sobretudo, dar-lhe a possibilidade de estar no lugar onde saiba que se sente guardado de maiores males! Guardar... sem amesquinhar!



Revolucionários

Ele é um jovem. Ainda só tem um filho. Um amor de criança!

Há mais de um ano que anda às voltas e reviravoltas para concretizar a resolução duma necessidade primária do casal, aliás um sonho longínquo de dezenas e dezenas de milhares de Portugueses: ter a sua casa e não viver amontoado na dos sogros... ou no chafurdo...

Ele é um profissional das Artes Gráficas. Sem mãos de seda. Mas calejadas.

Oportunamente, comprou o terreno indispensável para a construção da sua moradia e respectivo quintal. Bem situado. Depois, arroteia. Marca alcerces. E pára...!

Encomenda o projecto da obra — 4.000\$00. Submete-o à aprovação municipal — mais aqueles tantos...

Toma conhecimento, entretanto, de que a Autarquia já dispõe de plantas-tipo, cedidas graciosamente aos Auto-Construtores! «Ai! se eu soubesse!... — exclama, angustiado — «poupava quatro contos!...»

A conversa prolonga-se, cheia de interesse:

— O que não há direito é eles não nos passarem licença de construção sem limites de tempo. Requeri para um ano e lá se foram mais 1.000\$00. Não está certo! Esses mil escudos fazem-me muita falta. Além do tempo perdido nestas andanças... Eu preciso de poupar todas as horas, todos os minutos livres — todos!...»

Trabalha no Porto. Vai, e vem todos os dias ao seu dormitório. Não foi pró Barredo, nem pra S. Victor, nem para a Quinta dos Peixinhos. Vai e vem. Fica na sua terra...

— Faço uma parte da obra pela minha mão, por necessidade absoluta... Assim, tenho-lhe mais amor. É minha. Feita pelas minhas mãos. E o que a gente poupa!...

Fala-se para aí muito em legislação revolucionária. São afirmações de responsáveis. São reportagens. São manchetes que ilustram a Imprensa. Mas... «lá se foram mais de 1.000\$00...» (licença). «Se eu soubesse. tinha poupado 4.000\$00...» (plan-

ta da moradia). E mais e mais e mais — diria Pai Américo.

Não se dá a mão eficazmente aos Auto-Construtores, porquê?!

Na complexa problemática dos impecilhos que bloqueiam o fomento ordenado, equilibrado e rendível do Povo, para o Povo, pelo Povo, em contraste com o velho lema da Repartição, para a Repartição, pela Repartição, a eficácia tem de começar pelo desbravar imediato desses mesmos impecilhos...

O Auto-Construtor é o Investidor mais descomprometido deste País — repetimos, uma vez mais, alto e bom som!

Ele, o Proletário, que reside na sua terra, que trabalha nela, no seu País, não vai pedir empréstimos à América, à Alemanha...

— Pedi dinheiro a pessoas de família. Não fui à Caixa, não senhor...

Lá sabe porquê!

Na maioria dos casos, nesta zona, é investido dinheiro nosso, é trabalho nosso, com sacrifícios incriveis.

Estes são os autênticos Revolucionários!

— Agora vou fazer o rés-do-chão e a placa. Depois... veremos. Estou, já, a aproveitar as minhas férias...

E lá estava ele, de mangas arregaçadas! Cansado. Contento. Mas, no fundo, bem no fundo, triste: «Podiam passar-me a licença sem limite de tempo...!»

Deveriam mas é não cobrar licença nenhuma! Elas — para estes casos, frizamos — são uma afronta. Bloqueiam a Auto-Construção pela base. Não falando já da célebre história da Lei dos Solos, que é um atentado à iniciativa dos Auto-Construtores...!

Venha lá, quanto antes, uma lei que revogue impecilhos e impostos e fomento — de verdade — a construção de moradias pela mão ou pela acção dos próprios Trabalhadores.

E que se faça um amplo esclarecimento sobre todo o processo, desde a cedência oficial de projectos para a Auto-Construção espontânea. Tudo difundido claramente, sem subterfúgios, em todas as paróquias rurais — mesmo nos guichets dos respectivos serviços oficiais...

O Auto-Construtor precisa de saber os benefícios que pode usufruir!

Não há dúvida, «a ineficácia, a burocracia, o divórcio dos problemas locais» — de cima para baixo — repercutem-se «sobre as populações que se sentem frustradas e paulatinamente desencantadas».

Triste realidade!

Júlio Mendes

Novos assinantes de «O Gaiato»

Esta é a coluna da Juventude. Juventude de espírito!

É o tónico, o alimento — o espelho de «O GAIATO».

Lembramos muitas vezes os primeiros tempos do «FAMOSO»! Não por *saudosismo* doentio. Mas pela força que a todos galvanizou e porque o fizemos nosso desde que nasceu e o partilhámos do coração pelo mundo fora, a pé ou de eléctrico, no comboio ou nas estâncias balneares, nos cafés ou às portas dos templos — em todo o lado — sem nos acabarmos com *pranchadas* ou escolhos que tonificaram a força de vontade dos primeiros *vendedores* de «O GAIATO». Aliás, notas que Pai Américo assinalou — no seu estilo peculiar, inconfundível.

Por isso mesmo, rejubilamos com a presença de novos Leitores ou Assinantes, de perto ou de longe. Como esta, de Londres, do Centro Católico Português:

«Agradeço que envieis a partir de agora quinzenalmente 10 exemplares de «O GAIATO»».

É meu desejo ver na minha Comunidade o vosso jornal difundido o mais possível.

Quem sabe se não seria possível um dia virem aqui alguns dos vossos rapazes... organizando nós uma festa...?

De momento é tudo.

Com os melhores cumprimentos em Cristo, somos com simpatia cristã...»

Ó simpatia!

E que dizer daquele voto — consolador: «É meu desejo ver na minha Comunidade o vosso jornal difundido o mais possível?»!

Com este desejo — na alma dum Pastor d'almas — aqueles dez serão multiplicados. Com certeza!

Os primeiros Discípulos saltaram para a Rua... Conquistaram a Rua, com sangue, suor e lágrimas — a exemplo do Mestre.

Hoje, ficamos por aqui. De contrário, as mensagens expressas no maço de correspondência de novos Assinantes, ou de alguns proponentes, dar-iam uma página cheia de Vida! É a alma de «O GAIATO», que ressoa por esse mundo fora, onde haja quem fale a Língua do grande Épico.

Em resumo: registámos inscrições do Porto, Lisboa, Tomar Muro (Santo Tirso), Ovar, Rio Tinto, Escalos de Baixo, Cacém, Chaves, Valadares, Almada, Viseu, Vinhais, Parede, Águas Santas, Leça do Balio, Alverca, Nisa, Vila Nova de Gaia, Coimbra, Perosinho (Gaia), Vila do Espinhal e Barreiro.

De além fronteiras, é Luanda, S. Paulo (Brasil) e Raalte (Holanda).

Dezenas de novos Assinantes!

● A mulher do Caseiro, aqui referido, seguiu para o hospital.

Doença súbita (?) prostrou-a. Foi na ambulância, rumo ao Porto.

Não vamos referir o trágico daquela gente! Não! Vamos mas é dizer que o vicentino tem passado por lá e entrega do que vem ter às nossas mãos — com muito carinho e amizade.

Falta a «abelha mestra»...!

Isto diz tudo, todinho.

RECEBEMO — Hoje é uma valente *procissão*! Entre os Peregrinos, há cristãos e homens de boa vontade. Muito unidos!

É Filomena, de Lisboa, com 100\$00. Dez vezes mais de «Uma assinante do Seixal» e o apontamento sabroso: «Para os Irmãos da Conferência a partilha, agora atrasada». Chegou na hora própria!

Mais 100\$00 entregues, por uma Senhora, ao nosso «Algarvio». Metade de um grande amigo de Ovar, «pedindo desculpa por mais não mandar». Quem dá o que tem (ou pode)... cumpre o seu dever. Um abraço.

Mais 140\$00 de A. F. «por alma de minha tia Carmen. Depois da Missa creio que a partilha ajuda muito os nossos Irmãos da Igreja Purgante, que tanto precisam de nós».

Do Largo do Priorado, Porto, 200\$00. O mesmo de «Uma assinante de Gaia» — «em memória da minha querida Mãe».

Ó sufrágios!

Outra vez 200\$00 de uma Senhora muito amiga, de Coimbra, pedindo desculpa por talvez se «ter esquecido de mandar por altura da Páscoa».

Delicadeza cristã!

«A infinita gotinha referente a Maio e Junho», da velha amiga Sofia. São «gotinhas» de um calvário muito doloroso — mas respirando o amor de Cristo, nosso Irmão.

Agora, vem lá um postal-ilustrado muito oportuno e cheio de riqueza espiritual:

«Enviei por este mesmo correio um pacote destinado aos Pobres. Junto um voto: é o de que haja cada vez menos homens necessitados das roupas deixadas por outros homens».

(...) Quando vos lembrardes, falai de nós ao Cristo que disse: «Nem só de pão vive o homem».

Falamos todos! «Onde dois ou três...» Aqui temos o Espírito Santo a falar sem rodeios ou pingos de cera!

E o Senhor continua a revelar-se consoante os homens e as ocasiões. Como nesta carta, do Porto:

«Conforme o prometido pelo telefone, estou aqui pronta a cumprir».

(...) Mal possa, com a ajuda de Deus, mando mais.

Gostava mais que esta pobre senhora não precisasse da minha partilha, mas que vivesse num mundo melhor. Se eu pudesse fazer alguma coisa para que esse mundo existisse...

Deus permita que o Portugal novo, que espero não tenha Barredos, mas que finalmente os Pobres tenham mais um pouco e os ricos menos. Deus é Pai. Tenho fé na Sua protecção. Se os homens O quiserem, Ele ajuda — porque também o quer...»

Partilha oportuna e esclarecida!

Mais 100\$00 de Coimbra, «em sufrágio da alma de meu saudoso Marido». O mesmo de algures: «Junto uma migalhinha em acção de graças. Desculpai o aparato do nome... do vale... inconsciência da pessoa que o tirou; não o risco com receio de o anular. Sou uma anónima...»

Mais 500\$00 entregues no Lar do Porto, como ressonância ao apontamento «Revolucionários». E, na mesma linha, um Sacerdote de algures manda três contos, juntamente com cinco de «uma antiga assinante de «O Gaiato» e dois de «Uma anónima».

Deus lhes pague!

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

Quando olho e vejo as culturas da nossa quinta, a maior parte delas feitas voluntariamente (à maneira de recreio) pelos rapazes mais velhos, fora do horário das oficinas e das aulas, sinto-me tão feliz que me apetece gritar a todos os Portugueses: vamos trabalhar mais, falar menos e exigir só aquilo a que temos direito.

Tenho achado sempre muita graça quando passo naquela terra e, à entrada e à saída, encontro o letreiro no pano branco: — «queremos água para beber». Este povo foi o que pediu durante o período eleitoral. Pediu tão pouco! Pediu uma coisa de tanta necessidade e a que tem tanto direito!

Aos nossos olhos e aos nossos ouvidos chegam tantas exigências, tantas reivindicações, tantas ameaças, tantos atropelos ao direito que perguntamos se é assim que queremos fazer a batalha da produção, se é assim que queremos construir uma Pátria que todos sentimos pobre.

Há tanta gente que não trabalha, há tanta gente que destrói, há tanta gente que é obstáculo ao trabalho, há tanta gente que suja, há tanta gente que esbanja! Toda esta gente não terá deveres?

É tão fácil destruir e até os medíocres disso são capazes. E depois construir? Quem é capaz de construir e se arrisca? E construir para os outros? — Só os heróis. E a heroicidade em

obras não é nada fácil, comparando-a com a heroicidade em palavras!

E continuamos a volta pela nossa quinta, a saborear o nosso trabalho feito com amor. A vinha, ao princípio queimada pela gada, promete dar fruto normal e já foi tratada duas vezes; os batatais, agora regados pelas chuvas, são matagais de verdura; as alfaves são repolhudas e todas as refeições aparecem à mesa; os couvais alimentam a cozinha e ajudam os tratadores do gado; uma longa leira plantada de cebolo dá esperança de comida mais sabrosa; os tomates, a ver-se germinar, hão-de mimosear-nos a mesa e encher potes de doce e conserva; os longos canteiros de feijão começam a trepar e darão fruto para (ao menos) enriquecer a nossa sopa; o extenso campo semeado de milho há-de encher as tulhas e tere-mos a nossa boroa deliciosa.

Vendo toda esta riqueza de produção feita pelo trabalho voluntário e generoso nós temos consciência de que estamos a ganhar a batalha nacional, os nossos rapazes vão tendo consciência de que estão a construir a vida dos irmãos mais novos que vão chegando e aumentando a nossa já muito grande família e todos, sem muitas palavras, mas por obras, vamos colaborando para uma Pátria feliz, onde todos os homens devem ser irmãos.

Padre Horácio

Júlio Mendes

Setúbal

A propósito dos ataques ma-
ço e sucessivos, que têm sido
dirigidos à Igreja, no período
pós-25 de Abril, convém que
nos debrucamos sobre determi-
nados pormenores que incons-
cientemente ou até de propó-
sito muitas vezes são esqueci-
dos. A Igreja não é um edifi-
cio, cheio de santinhos, ima-
gens e velas, onde as pessoas
se reúnem para «assistir» à
Missa ou até rezar o Terço.
Os tempos e os homens desfi-
guraram a imagem da Igreja
que Jesus constituiu. Epcas
houve que «ecclesia» nada mais
significava para os homens que
edifício, templo, onde certas
camadas mais «religiosazinhas»
se encontravam.

A Igreja de Jesus Cristo não
é nada disto. Não são as pe-
dras, nem o cimento, nem a
cal, nem as imagens, nem as
velas de cera, que são a Igreja
viva. Nem é o Papa, nem os
bispos, nem os padres que são
só Igreja. Existe uma escala
hierárquica e bem definida,
sim senhor, dentro da própria
Igreja. Mas dizer que a Igreja,
como Comunidade universal dos
homens, se limita a isto, não
pode ser. E os ataques cegos
e mal intencionados provêm
desta ideia errada e disforme
da realidade. O papel impor-
tantíssimo dos leigos dentro
da Comunidade, será que não
conta? Para se ser religioso ou
fiel cumpridor da Mensagem
de Cristo, não é necessário so-
mente viver enclausurado num
convento ou possuir o sacra-
mento do sacerdócio.

Atribuir culpas à Igreja pela
sua má condução nos destinos
dos homens, só porque este pa-
dre ou aquele bispo se desvia-
ram da sua missão evangélica
ou apostólica, é uma posição
acomodativa e vesga. É olhar
a realidade através dum pris-
ma superficial que dá apenas
um lado da questão. O lado
mais cómodo. O lado mais su-
perficial. É lavar as mãos, como
Pilatos, e dizer que a Igreja é
dos outros e isso não é nada
cómico. Quem foi cristão até
aqui, que se desenrasque da
situação que a Igreja atravessa.
É que há mil e tal anos Jesus
Cristo não veio anunciar a sua
Mensagem de Apostolado ape-
nas para alguns. Apenas para
determinadas camadas que se
interessavam pela «coisa». Je-
sus é incomodativo. Incomodou
e continua a incomodar muita
gente. Não só os fariseus e os

Malanje

Cont. da PRIMEIRA página

Mas os que deram e dão tudo
pela sua terra e são perseguidos
por serem brancos ou por serem
negros... urgente que sejam pro-
tegidos por um Estado livre e
isento.

Expulsos da nossa terra?
Mal queridos na nossa Pátria?
Povo errante?

Padre Telmo

senhores do seu tempo. Tam-
bém os fariseus e os senhores
do nosso tempo que, certamen-
te, são muitos mais... Ele ata-
cou os falsos profetas, todos
aqueles senhores que conver-
tiam a Religião à sua maneira.
E, por isso, foi Condenado.
Com morte na Cruz.

Creio que o Senhor Deus
não pede quantidade de Reli-
gião, medida pelos muitos Ter-
ços, pelas muitas Missas, pelas
muitas práticas a que assiste.
Ele delicia-se mais com a qua-
lidade da oração, com tudo o
que profundamente é emanado

do coração do homem num de-
sejo consciente de seguir in-
transigentemente, quaisquer que
sejam os obstáculos a transpor,
a Doutrina do Senhor Jesus.
Nisto se resume o ser Igreja,
o ser cristão autêntico. Ben-
ditos serão os tempos em que
a Igreja se decidir apenas por
aqueles que sejam verdadeiros
militantes, que façam da sua
vida, em qualquer lugar onde
se encontrem, uma constante
missão apostólica de levar até
crentes e não crentes a Men-
sagem do Amor. De Amor, a
palavra bela que Jesus veio
ensinar como aplicá-la na vida.
Amor, a mensagem que anda
hoje tão esquecida nos vocabu-
lários da vida em que pratica-
mente mais nada se vive e se
diz senão o contrário — o ódio,
a violência e a mentira.

José Rogério

Património dos Pobres

AGORA

Cont. da PRIMEIRA página
4x100\$. De Mary 240\$. De Alda
do Ribatejo, 200\$. Do «Major
do Silêncio» os 60\$ de todos
os meses.

Casas a prestações — Em-
bora todos saibam que a placa
titular não mais será, nem por
isso há esmorecimento. Mais
três «pedras» para a Casa de
S. Carlos, que fica na 26.ª. Para
a Casa da Tia Lai, mais 1.000\$.
A Ana e o Pedro juntaram 2
vezes 500\$ para a Casa do Es-
pírito Santo. Mais 5.000\$ da
Lia, que perfaz assim os
12.500\$00 prometidos e fica
com vontade de continuar. Mais
2.000\$00 da Maria Antonieta,
metade meu e outra metade
de pessoa amiga que quis com-
partilhar a construção das mi-
nhas casinhas...

Embora eu saiba que as ca-
sas serão sempre um sonho
irrealizável, continuo a enviar
com essa intenção e com a
certeza de que o dinheiro será
empregue em qualquer coisa de
muito útil.

Casas por inteiro — Bons
tempos, em que a dúzia de con-
tos equivalia a uma casa! Pois
embora tal não seja, continua-
mos a designar assim, os que
fazem, de uma só bolada, uma
alavanca valente para vários
Auto-Construtores. Quinze con-
tos da Rua de S. Bernardo em
Lisboa. Igual quantia da Maria
Beatriz e Henrique, com esta
legenda:

«Já há muitos anos, quando
ainda nas páginas de «O Gaiato»
havia a coluna do PATRIMÓNIO
DOS POBRES, que tencionamos
inscrevermo-nos para
construir uma casa com a nos-
sa participação.

Porque as dificuldades foram
aumentando com o crescer dos
filhos — abafando a genero-
sidade — só agora, com quase
todos já criados, podemos rea-
lizar o intento que considera-
mos mais que justo pois que
também dentro de poucos anos
entraremos na posse definitiva
da casa onde habitamos. (O
sublinhado é nosso).

Não sabemos se ainda por
intermédio da Obra se constroem
casas para Pobres; nem
sabemos quanto custam hoje as
equivalentes às daqueles tem-
pos, mas temos a certeza de
que alguém necessitará de casa
e de que esta importância po-
derá ajudar a resolver algum
problema de habitação. Por
exemplo, o da auto-construção
espontânea?

Se não for assim empregado,
também concordamos que o seja
em obras da vossa Casa ou
no que julgardes mais priori-
tário dentro da Obra. O impor-
tante é que demos aos que pre-
cisam, o que por mais duma
vez procurámos sacrificar ao
nosso conforto e só agora con-
seguimos.

Vossos amigos sinceros...»

E estoura:

«Amigos

Junto a esta um cheque de
vinte mil escudos que resolvemos,
meu marido e eu, enviar-
vos para uma das necessidades
mais urgentes em habitação.

Anteriormente, em conversas
a respeito da utilização desta
importância, ela seria destina-
da a uma pequena casa (teria
de ser mesmo pequena!), que
iria ter um nome, o do meu
marido. Seguir-se-ia outra com
o meu e ainda uma outra com
o nome de nosso filho. Todos
os projectos se alteraram, no
entanto, de um a outro mo-
mento e quando menos se espe-
ra.

Contudo, desta realidade que
agora podemos enviar-vos, o
nosso desejo é que seja em-
pregue para ajuda de constru-
ções — o plano que Pai Amé-
rico instituiu sem necessitar de
códigos ou leis. (Outra vez nos-
so o sublinhado.) Desejamos
que sejam omitidos os nossos
nomes, pois estamos a cumprir
um dever.

Queira Deus que possamos
completar o nosso plano o mais
breve possível.»

E ainda esta:

«Com os meus cumprimentos
e votos de Santa Páscoa para

A falta de saúde, aliada à
pouca disposição para escrever,
são os dois factores principais
da falta das nossas notícias.
Disto, peço imensa desculpa
aos leitores de «O Gaiato»,
principalmente aos nossos Ami-
gos.

Em primeiro lugar, tenho de
agradecer, de todo o meu co-
ração, a todos que responde-
ram aos meus apelos. Primei-
ro, à ajuda para a casa do Car-
pinteiro, quase pronta e bas-
tante espaçosa, pois a família
continua a aumentar. Ultima-

mente, uma roupa para a nossa
Doente, que já entrou em 89
anos, e continua de cama, mas
agora com mais limpeza, devi-
do à vossa generosidade. Passa
o dia com o Terço na mão,
rezando por todos.

Quanto aos nossos trabalhos,
continua a haver grande inte-
resse por eles, principalmente
colchas em lã e algodão, tanto
para cama de casal como para
cama de solteiro; também se
fazem em gaze, mas só para
cama de solteiro.

Como o espaço em «O Gaiato»
é sempre pouco, devido ao
muito que tem sempre a dizer
das outras Casas, vou suprimir
as terras para onde os traba-
lhos são requisitados. No en-
tanto, posso dizer que são de
Norte a Sul do País e até para
o Estrangeiro.

Receberam-se alguns donati-
vos por intermédio da Casa do
Gaiato de Paço de Sousa, bem
assim, roupas para a nossa pro-
tegida. Se não estou em erro,
veio também um donativo da
Casa do Gaiato do Tojal. As
2 Irmãs de Lisboa, bem assim
a nossa conhecida e amiga
D. Berta Pereira, não faltam
com os seus donativos mensais.
Outros, de outras terras, entre
elas, o Porto. O Senhor, que
assina «Bem Haja», continua
com o seu interesse pelos Doen-
tes do Calvário, aumentando
este ano o seu donativo. Pois
bem haja, e que Deus o ajude
a Si também.

Maria Augusta

todos vós, enviamos, meu ma-
rido e eu, um cheque de
30.000\$00 para uma «casa» para
agradecermos a Deus o ter-nos
dado a possibilidade de com-
prar um andar para o consul-
tório de meu marido e termos
tido possibilidade de o ter aca-
bado de pagar.

Claro que o dinheiro será
para ajudar quem mais precisa
de telhados ou divisões como
aquela família há pouco falada
em «O Gaiato».

Com as nossas graças a Deus
desejamos que alguém também
tenha desejo de Lhas dar.»

Fechamos com o grupo mais
numeroso dos Avulsos, que, na
verdade, são quase todos habi-
tuais embora sem regularidade
de período.

J. P. Resende, 500\$. Maria
Luísa e Maria Margarida dei-
xaram no Montepio Geral res-
pectivamente 325\$ e 200\$. Oi-
tenta francos de um Trabalha-
dor português em França.

Quatro mil de «Duas Filhas
que agradecem uma oração por
alma de sua Mãe, a assinante
de «O Gaiato» n.º 10737. Po-
rém o jornal continuará como
até aqui a figurar em seu nome
que será perpetuado pelas fi-
lhas». O amor filial não perdeu
a actualidade e não é de modo
algum estorvo ao amor univer-
sal devido aos irmãos!

Cinquenta de Nisa, «para a
casa dos Assinantes». Mil de
uma Avozinha. Vinte de um
Amigo de D. António Barroso.
Cem da Damaia. 550\$ de Algés.
Outros 1.000\$, de um sacerdote
da Guarda. 300\$ de Dalila:

Padre Carlos

TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T.A.P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa